Ramon de Baños, o início do cinema na Amazônia[1]

José Luis Ruiz-Peinado
Universidad de Barcelona, Espanha

Introdução

DURANTE O VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL sobre a (E)migração Portuguesa para o Brasil apresentaram-se comunicações sobre tipos de emigrantes que chegaram ao Brasil. De diferentes classes sociais eles viajavam nos mesmos barcos ocupando classes de acomodações distintas. Alguns deles, no caso de meninos órfãos ou sem recursos, chegavam a ser "vendidos como escravos" em portos do Brasil. Outros, por outro lado, chegavam de primeira classe com documentos prontos e dinheiro para investir ou começar uma nova vida como fazendeiros ou como comerciantes, ou ainda para ocupar cargos seguindo seus ofícios. O nosso personagem pertence a este último grupo mais privilegiado que foi ao Brasil a "hacer las Americas".

Neste período da primeira metade do século XX, alguns emigrantes envolvidos em actividades políticas foram perseguidos e alguns deles chegaram a ser degredados pela polícia política que controlava acções tidas como subversivas. Também houve emigrantes que trabalharam para ministérios governamentais, que se envolveram em alianças com políticos e em corrupção de policiais. Nosso personagem pertenceu novamente a este último grupo.

Nosso estudo pretende apresentar um pioneiro do cinema mudo espanhol e brasileiro, que chegou à Amazónia para prosperar na carreira cinematográfica mas, sobretudo, para enriquecer.[2] À atracção que sentia pelo Novo Mundo, que se lhe apresentava com umas possibilidades económicas sem limites, acrecentou-se a ideia de "descobrir" um fascinante mundo amazónico que continuava rodeado pelo halo do mistério, pela possibilidade de encontrar o mito do *El Dorado,* embora na viragem do século XIX para o XX já não fosse um lugar repleto de ouro mas um mundo que servia de centro exportador de borracha natural que, em muito pouco tempo, tinha gerado uma riqueza sem precedentes.

1 Tradução de Helena Tanqueiro

2 Este artigo constitui parte do capítulo "O imaginário em imágens: Ramon de Baños, pioneiro do cinema mudo na Amazónia", escrito por Petit & Ruiz-Peinado, publicado no livro intitulado *Atlântico imaginado: fronteiras, migrações e encontros* pelo Ministerio de Trabajo e Inmigración, Madri, 2010.

Barcelona, nessa época de finais do século XIX, era uma cidade inquieta, atraída pelas novidades que chegavam de França e da Europa em geral, que se tinha constituído na porta de entrada das artes cinematográficas em Espanha. Por este motivo, os primeiros cinematógrafos tiveram um êxito rotundo. Neles se mostrava, em imagens, o movimento que aproximava realidade e imaginário através da projecção das últimas novidades produzidas na Europa, juntamente com as que já estavam a sair dos estudios locais, como o da *Hispano Films,* fundado por Albert Marro, onde trabalhou o irmão, Ricard de Baños, como *camaramen*, vindo posteriormente a ser também sócio.[3]

Ramon de Baños é o protagonista desta história, um cineasta catalão que chegou a Belém do Pará em setembro de 1911. Tinha como objectivo dirigir o incipiente mundo cinematográfico que estava a nascer. Em pouco tempo (1911-1913) conseguiu gerir eficazmente diversas salas de projecção, desenvolver o sistema de revelação e de foto-montagem de filmes mas, sobretudo, filmar o incrível e variado mundo que se abria ante os seus olhos e que ele não deixou escapar. Converteu-se, assim, num dos pioneiros do cinema brasileiro, num documentalista atento às mudanças que se estavam a produzir nessa altura na Amazónia, dando forma a essas imagens mentais e transformando-as em imagens reais para os seus contemporâneos, tanto da Amazónia como do resto do Brasil, que eram mostradas como propaganda do governo brasileiro da época. O livro abria caminho ao aparecimento do cinema como veículo de difusão das imagens e dos imaginários.

Os irmãos Baños, pioneiros do cinema

Ramon de Baños nasceu e morreu em Barcelona (1890-1980), tendo demonstrado, desde muito jovem, um grande interesse pelas artes, especialmente pela fotografía, sob a influência do seu irmão Ricard (1882-1939). Iniciou os estudos de direito por imposição familiar, mas cedo os abandonou para se adentrar no mundo da imagem. Neste processo o irmão foi fundamental como referência familiar e também como seu introdutor no mundo do cinema, em gestação na altura.

Um dos principais precursores do cinema catalão foi precisamente Ricard Baños graças ao seu cargo como Chefe de secção de fotografia da revista *El Siglo.* Neste posto estabeleceu contactos com o primeiro representante para Barcelona e, posteriormente, para toda a Espanha, da casa francesa Gaumont,[4] marca através da qual se iniciou como operador de câmara e realizou os primeiros ensaios de pequenas reportagens sobre Barcelona, algumas enviadas mais tarde para Paris e, de lá, difundidas por

3 O êxito desta produtora na realização de documentais, de curtas e longas metragens virá a ampliar os horizontes dos irmãos Baños, Ricard acabará por entrar como sócio da empresa e Ramon como ajudante. Este desenvolve um trabalho tão eficaz que rapidamente deixa as salas de revelação e montagem para passar a dirigir a câmara nos sítios que o irmão não podia cobrir.

4 Em 1895 foi criada em Paris a companhia León Gaumont et Cie, de fabrico e venda de material fotográfico. No entanto, o grande êxito de Graumont foi, em 1903, a reportagem da corrida automobilística entre Paris e Madrid. A partir daí criou o primeiro estúdio da Maison Gaumont, construída em 1905 e conhecida como La cathédrale de Verre e, posteriormente, realizou a construção do Gaumont Theatre. Já constituída como La Societé des Établissements Gaumont, criou uma rede de sucursais de distribuição e produção por toda a Europa (LASA, Joan Francesc de. *Els Germans Baños: aquell primer cinema català*. Barcelona: Generalita de Catalunya, 1996, p. 34-35).

toda a Europa. O seu domínio da filmagem permitiu-lhe ser enviado em 1904 a Paris para aprofundar o conhecimento das técnicas cinematográficas nos estudios da Ville Lumière, entrando assim em contacto com a incipiente indústria francesa.[5]

De volta a Barcelona, após a sua formação em França, foi contratado como operador da empresa *Hispano Films*, onde deu início a uma carreira meteórica. Como operador de câmara dedicou-se a realizar reportagens e documentários até 1908. A partir desse ano, devido ao êxito da rodagem da longa-metragem *Don Juan Tenorio*, dirigida conjuntamente com Marro, bem como dos projectos que lhe surgem depois, contribui decisivamente para a expansão do cinema catalão no âmbito espanhol.

As encomendas que recebe de particulares e de organismos públicos ajudam a levar a Hispano Films ao seu auge. Com a filmagem de uma reportagem sobre a guerra colonial espanhola em Marrocos e com a realização de longas -metragens de propaganda militarista como a *Campaña del Rif*, ou os *Sucesos de Barcelona* (que conhecemos como a Semana Trágica), que se inicia com a rebelião dos recrutas no porto de Barcelona antes de serem embarcados para Marrocos,[6] a *Hispano Films* obteve um enorme êxito de bilheteira, tanto em Espanha como no estrangeiro. Com o dinheiro obtido viria a construir em Barcelona um dos primeiros estúdios cinematográficos de rodagem destinado à produção e distribuição de filmes.

Entretanto o cinema mudo começa a estar presente na vida social daquela Espanha e os pedidos para realizar filmes não param de aumentar. É de destacar que nos inícios desse cinema artesanal, os irmãos Baños já dominam todas as técnicas necessárias para poder realizar filmes: filmar, utilizar truques, revelar os filmes, montá-los e realizar as passagens dos mesmos. Esta versatilidade proporciona que em 1911 Ramon receba a visita do empresário espanhol Joaquim Llopis, radicado em Belém do Pará, com a proposta de partirem juntos para a Amazónia brasileira e de que Ramon de Baños se encarregasse do incipiente negócio cinematográfico que estava a surgir no Brasil.

Joaquim Llopis era originário de Alicante e tinha-se estabelecido em Belém como representante da firma de exportação de borracha Suárez Hnos. Ltda., propriedade do boliviano Nicolás Suárez, destacado magnate da exportação de borracha da Amazónia. Era uma das *casas* exportadoras mais importantes de Belém e, como comenta com ironia Ramon de Baños: "o que significava que ganhava um ordenado magnífico e que vivia bastante bem".[7] Llopis também diversificou os seus negócios através das redes comerciais que mantinha com a Europa.

O projecto era ambicioso porque teria de realizar a compra do material necessário para montar uma produtora de cinema em Belém e de ficar como responsável das filmagens e exibições de filmes e documentários para a produtora de Llopis, *The Pará Films*, o que, decerta forma, correspondia a efectuar o mesmo que o seu irmão Ricard realizara na *Hispano Films*. A aposta de partir e ir "*hacer las*

5 *Ibidem*, p. 23-34.

6 Durante a guerra colonial em Marrocos, uma prática habitual era pagar para eximir do recrutamento os filhos da burguesia e da nobreza. Esta prática gerava um profundo descontentamento nas classes sociais mais humildes que viam como essa guerra se tinha convertido num cemitério para os seus filhos.

7 BAÑOS, Ramon. *Un Pioner del Cinema Català a l'Amazònia*. Barcelona: Íxia Llibres, 1991, p. 52.

Américas", expressão estendida por toda a Espanha que se referia a todos aqueles que continuavam a ir para lá na mira de fazerem fortuna, representava um enorme repto pessoal e profissional. Os conhecimentos que adquirira durante esses anos deviam ser desenvolvidos numa nova cidade onde não encontraria o suporte técnico que já existia em Barcelona. As divergências pessoais e económicas com o irmão, tal como nos conta na sua autobiografia, terão sido determinantes para aceitar a proposta de partir para a Amazónia.

Nessa época, as equipas de filmagem e especialmente as equipas de revelação e montagem eram muito simples. Ramon de Baños teve de fazer gala da sua profissionalidade para conseguir solucionar os problemas técnicos que se lhe colocavam, que só podiam ser resolvidos com um grande domínio das técnicas de filmagem e com uma habilidade especial para realizar experiências com muita criatividade. Por exemplo, para realizar o processo de revelação, mandou construir uns recipientesde madeira de *Acaju* a outro catalão, o senhor Fàbregas, que era carpinteiro e vivia também na cidade de Belém, masque acabaram por não dar o resultado desejado. Assim sendo, teve de recorrer a pedreiros para construírem uns tanques de revelação de cimento no pátio traseiro do teatro Odeón, espaço onde se situavam simultaneamente o cinema e os laboratórios onde trabalhava.[8]

Os primeiros documentários filmados no Brasil

Ramon de Baños produziu no Brasil cerca de 30 documentários, boa parte deles para a produtora *The Pará Films*, sendo outros realizados para o Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio do Brasil. O primeiro documentário da sua "aventura americana" intitulou-se Viagem de Lisboa ao Pará. Realizou-o no caminho para o Brasil. De Lisboa zarpou no "Rio Negro" para a Amazónia brasileira e aproveitou a viagem para experimentar parte do material comprado na Europa. Filma a viagem à ilha da Madeira e vai captando as primeiras imagens que darão forma ao documentário e ao seu imaginário sobre o Brasil. A chegada ao estuário do Amazonas é o ponto de início dessa viagem profissional e pessoal de um criador de imagens: "Dois dias antes de chegar ao Brasil, pus a cabeça fora da borda e vi que o mar que estava acostumado a ver, muito azul, tinha mudado de tonalidade: agora era de cor verde sujo, como de água barrenta…Diante dos meus olhos extendia-se um panorama exótico que jamais esquecerei enquanto viva. Ao longo das margens daquele rio, incomensurável, fantástico, viam-se umas casinhas e cabanas que tapavam um espesso arvoredo. A água do rio servia-lhes de espelho. O sol destapava apressuradamente o véu de neblina formado pela humidade que envolvia aquelas lindas paragens… Tinha diante de mim a América…o Brasil!."[9]

8 *Ibidem*, p. 53.

9 *Ibidem*, p. 47-49.

FIGURA 1. Ramon de Baños, 1913 no Pará. Arquivo fotográfico Filmoteca de Catalunya

Incluiu também o desembarque no cais de Belém do Pará e o movimento dessa cidade que, na altura, ainda vivia da exportação da borracha. Nos princípios do século XX, encontrou-se perante uma profunda transformação do espaço público, com uma nova estructura urbana, de modo de vida e com a propagação de uma nova moral, um cenário de perfeito controlo por parte das autoridades sobre as classes pobres frente ao aparecimento de uma burguesia muito rica.[10] Concluía esse primeiro documentário com imagens tomadas de um eléctrico da cidade, à semelhança das rodagens que já tinha realizado junto ao seu irmão Ricard pela cidade de Barcelona (1909), estas são as primeiras imagens que temos de Barcelona.

A despedida de Lauro Sodré no porto de Belém foi a primeira oportunidade de Ramon de Baños para se estrear como camaramen em Belém. Este destacado político paraense tinha de realizar uma viagem ao Rio de Janeiro para assumir as suas funções como senador e Baños, através dos contactos políticos do patrão, Joaquim Llopis, conseguiu as autorizações para se situar em primeiro plano e filmar a despedida multitudinária desse personagem político num documentário que veio a intitular "Embarque do eminente Dr. Lauro Sodré", que representava, para a cinematografia amazónica, o primeiro filme que começava e acabava "naquelas regiões distantes".[11]

Mas cedo lhe chegou a oportunidade de documentar uma das maiores expressões populares de religiosidade da América do Sul, O Círio da Virgem de Nazaré. A produtora *The Pará Films* tinha previsto filmar essa procissão mas, para o conseguir, Ramon de Baños tinha de preparar todo o material que adquirira na Europa. Ao mesmo tempo tinha de encarregar-se de projectar vários filmes, comprados em Barcelona, no Teatro Odeón, também chamado Cinema Ideal, propriedade de Llopis, que durante os 15 dias de festa teriam de competir, nesse ano de 1911, com mais doze cinematógrafos instalados na praça da Nazaré, centro de todas as actividades religiosas e festivas.[12]

10 SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Taku, 2002, p. 19.

11 BAÑOS, Ramon. *Op. cit.*, p. 64.

12 Foi no último dia do Cirio que mais dinheiro se recaudou, segundo nos conta Ramon de Baños, realizaram-se nove sessões

Explica Ramon de Baños na sua biografia que as primeiras informações que teve sobre esta festa religiosa foram as do patrão, o senhor Llopis, que lhe transmitiu a visão de um outro espanhol pertencente à elite local:

> O Círio, que se formava na catedral e acabava na igreja de Nossa Senhora de Nazareth. O senhor Joaquin [Llopis] tinha-me dito que esta procissão, ou romaria, era uma coisa extraordinária, sem igual em todo o mundo, onde o fanatismo religioso do povo do Pará se manifestava com toda a sua força.[13]

"Fanatismo" que era aproveitado pelos comerciantes e barraqueiros da cidade para se enriquecerem durante os dias que duravam as festas com o dinheiro das actividades que se geravam ao redor do Círio. Por outro lado, tratava-se de um escaparate para os membros da alta sociedade e autoridades que faziam gala em presidir as celebrações.

Para poder filmar um acontecimento destas características, com uma multidão em movimento e com uns aparatosos tripé e máquina de filmar que tinha de manipular, decidiu juntamente com o patrão, o senhor Llopis, que iam filmar tudo o que pudessem, como pudessem. Nesse sentido, encarregou novamente o carpinteiro catalão de construir um escadote de mais de dois metros e meio de altura para, na parte superior, colocar a plataforma articulada da câmara e poder, dessa altura, obter uma panorâmica da procissão. Arranjou maneira de estar protegido por vários ajudantes para que aquela maré humana não o levasse, a ele e ao escadote, pela frente.[14]

FIGURA 2. Ramon de Baños, 1912 no Pará (Baños, 1991)

seguidas, desde as 7 horas da tarde até às 3 d a madrugada. Com um total de mais de 1.500 espectadores (*Ibidem*, p. 61).

13 *Ibidem*, p. 54.

14 *Ibidem*, p. 54.

Esta filmagem impressionou pela força que desprendia e, realizada a partir daquela posição privilegiada, teve também um grande impacto no nosso protagonista:

> Ao longe e pelo meio da estrada apareceram uns botes, umas canoas e barcaças autênticas, pintadas de branco e de azul, umas com velas, outras com remos, repletas de crianças vestidas de marinheiro; as embarcações eram levadas a ombros por pescadores que imitavam o movimento das ondas como se 'navegassem' por cima daquele mar de cabeças humanas. Pelo menos era o efeito que se via de onde eu estava.

A sorte também ajudou com a paragem da carroça principal precisamente diante do camaramen. Teve assim oportunidade de realizar excelentes planos que, de outro modo, não poderia ter obtido. Conseguiu ainda captar a comitiva composta pela elite paraense, as autoridades civis, militares e eclesiásticas. Tudo gravado em mais de quatrocentos metros de negativo filmados nessa manhã.[15]

O dia de Todos os Santos pressupõe uma aproximação ao imaginário enquanto revelador das diferentes contribuições religiosas dos povos sobre a morte, neste caso na Amazónia brasileira, festividade que Ramon de Baños aproveitou para o seu terceiro trabalho, O Dia de Finados em Santa Izabel, logo após a sua chegada a Belém, que também obteve um grande impacto junto do público.

Segundo Ramon de Baños, era impressionante a multidão que participava nessa celebração e que se destacava pela sua variedade, especialmente por ser: "… de todas as cores". Mas o que lhe causou maior impressão foi entrar no recinto, o cemitério de Santa Isabel da capital, pintado com cal e repleto de antorchas e lâmpadas eléctricas de todas as cores. Aí surgiu-lhe o símile com o já conhecido, embora dentro de um contexto totalmente diferente, com as festas espanholas, que o afastava da percepção de se encontrar na cidade dos mortos. Estava num cemitério e a familiaridade da população paraense com os defuntos não deixava de o surpreender: charangas de mulatos e negros que cantavam, vestidos de etiqueta, para os mortos dos ricos em tom litúrgico; cadeiras e mesas ao redor dos túmulos dos defuntos que exprimiam sentimentos profundos de partilha – durante o dia, sob um sol abrasador, em tom festivo e, à noite, com o acompanhamento de um jantar em que participavam todos os presentes: "Era a vida que respirava entre a morte".[16] Tudo isto franqueado por uma enorme fogueira de velas dispostas à volta do obelisco que presidia o cemitério e que, ao anoitecer, parecia, aos olhos do cineasta catalão, as fogueiras da noite de São João, uma das principais festividades da Catalunha.

No dia 10 de novembro de 1911, algumas personalidades e jornalistas de Belém foram convidados a assistir, no Teatro Odeón (que, como já se referiu, funcionava no pátio da casa de Llopis), à exibição dos três primeiros documentários de Baños filmados na Amazónia: Embarque do eminente Dr. Lauro

15 *Ibidem*, p. 57-8.

16 "Aquele acto, que continha algo de rito, era uma oferenda, uma recordação póstuma que os parentes dedicavam, naquele dia assinalado, aos seus defuntos, cujos corpos repousavam na vala comum" (*Ibidem*, p. 66).

Sodré, O Círio e o Dia dos Finados em Santa Izabel. Despertaram um grande interesse, sobretudo pela curiosidade dos presentes em se poderem ver, ou aos seus familiares e amigos, nas imagens reproduzidas pela primeira vez no écran de um cinema. Talvez por esse motivo, no dia seguinte projectaram-se outras seis sessões para o público em geral e, nestas, o sucesso foi ainda maior: "Era tanta gente que queria ver os nossos interessantes filmes, que a polícia foi obrigada a intervir várias vezes para conter alguns espectadores (...) que não conseguiam reprimir a sua impaciência".[17]

Espetáculos sicalyticos

Llopis possuía uma vintena de filmes pornográficos, licantrópicos, também classificados como "picantes", na sua maioría comprados em Barcelona, se bem que outros adquiridos na Argentina e no Rio de Janeiro. Ramon de Baños contava, com muito sarcasmo, como tinham conseguido passar os filmes na alfândega de Barcelona, Lisboa e de Belém. Os rolos do filme intitulado "*Las desgracias de una madre*", levavam na realidade o filme "*Las viudas calientes*". E a caixa em que estava escrito *Cacerías africanas* levava cinco ou seis filmes "de prognóstico reservado".[18]

A divulgação dessas sessões era feita através de um pequeno convite dobrado em quatro. Na capa podia ler-se: "Reservado: Queira ler e guardar sigilo", e nas páginas interiores:

> Theatro Odeon (Praça Justo Chermont). Instituto de Artes Novas. Sessões livres só para homens maiores de 20 anos. Espectáculos sicalyticos. Dão vigor aos fracos. Deleitam os solteiros. Educam os tímidos. Extasíam os casados. Neurasthenisam os viúvos. Viva o amor! ... a ... a... A última palavra em cinematografia [...] Todas as Quintas-feiras, Sábados e Domingos! AVISO: É expressamente proibida a entrada a mulheres e menores.[19]

A estreia destes filmes obteve um êxito enorme, o local estava cheio, a rebentar, mais de novecentos homens, de todas "as categorias sociais", tinham pago cada um três mil réis (uma quantia importante na época) para poder assistir. Para mais, precisamente nessa noite casou-se a filha do Governador e os homens convidados para o banquete, terminada a ceremónia nupcial, foram de carro para o cinema Odeón, onde os filmes se iam projectar após as sessões abertas a todos os públicos. No sentido de corresponder à enorme afluência de público, Baños teve de realizar quatro projecções nessa noite. Seguramente foi em Belém, em dezembro de 1911, que se exibiram publicamente os primeiros filmes erótico-pornográficos no continente americano. Explicava Ramon, numa carta à sua prometida, que quando aparecia no écran alguma situação curiosa: "estrepitosas risadas inundavam o ambiente", daí que ele se visse obrigado a projectar um vidro que já tinha preparado, em que se encontrava gravada a seguinte frase: "Abster-se por favor

17 *Ibidem*, p. 68.

18 LASA, Joan Francesc de. *Op. cit.*, p. 326-327.

19 BAÑOS, Ramon. *Op. cit.*, p. 85.

de manifestações que possam incomodar os seus vizinhos".[20] Ramon de Baños pretendia filmar em Belém, como já tinha feito na Barcelona, esse tipo de filmes, mas a falta de actores masculinos não permitiu a sua concretização.

Nos dias 23 e 24 de dezembro realizaram-se duas outras sessões de filmes eróticos: "ante um público colossal".[21] Na referida carta Baños destacava que em nenhuma outra parte do mundo existia tanta liberdade como naquele país: "Olha que dar sessões imorais com teatro aberto ao público e bilheteira à porta, como se fosse um espectáculo honesto, é o cúmulo!".[22] Mas a liberdade acabaria por durar poucos dias. Desde o dia 22 de dezembro, alguns jornais de Belém, especialmente *A Província do Pará,* iniciaram uma campanha contra os filmes "imorais" exibidos no teatro Odeón, solicitando a intervenção policial.

Segundo o próprio Baños, Llopis era amigo do Chefe da Polícia de Belém e tinha com ele um acordo tácito para tolerar a projecção destes filmes a troco de uma percentagem sobre os lucros das exibições.[23]

No entanto, no dia 26 de dezembro, Llopis recebeu, em segredo, o aviso de que a polícia iria ao Teatro Odeón para confiscar os filmes e conseguiu esconder toda a colecção num restaurante de confiança. Mas no dia 30 de dezembro o próprio Chefe da Polícia informou Llopis que, por motivos políticos, não se poderia continuar a permitir a exibição dos filmes erótico-pornográficos. Após várias tentativas de os exibir noutras salas de Belém, Llopis e Baños concordaram que tinha chegado a hora de concluir a experiência de exibição pública daqueles filmes e que, a partir de então, se teriam de concentrar na construção de uma nova cinematografia, para além de outros negócios comerciais que ambos estavam a desenvolver por separado.

Pará Films Jornal, o primeiro noticiário cinematográfico da Região Norte

Assim, no dia 8 de agosto de 1912, com grande afluência de público, foi apresentado no cinema Salão Rio Branco de Belém, o primeiro noticiário cinematográfico produzido na Região Norte, intitulado *Pará Films Jornal*, inspirado na *Revista Pathè*, que vinha sendo produzida semanalmente em França desde 1908. Contrariamente à maioría dos noticiários cinematográficos produzidos na Europa até terminar a I Guerra Mundial, que incluíam principalmente informações internacionais, o noticiário *Pará Films* foi criado exclusivamente para informar sobre assuntos paraenses, especialmente acontecimentos festivos, culturais, políticos e comerciais ocurridos sobretudo em Belém.[24]

20 Carta a Rosita, 26/12/1911, Arquivo Ramon de Baños, Biblioteca da Filmoteca de Catalunya, arquivo 4.1.1_073, citado em PETIT, P. & RUIZ-PEINADO, J. L. "O imaginário em imágens: Ramon de Baños, pioneiro do cinema mudo na Amazónia". In: *Atlântico imaginado: fronteiras, migrações e encontros*. Madri: Ministerio de Trabajo e Inmigración, 2010, p. 118.

21 Carta a Rosita, 26/12/1911, arquivo 4.1.1_076, citado em *Ibidem*, p. 118.

22 Carta a Rosita, arquivo 4.1.1_073, citado em *Ibidem*, p. 118.

23 LASA, Joan Francesc de. *Op. cit.*, p. 326-327.

24 *Ibidem*, p. 325. Foram sete noticiários que Ramon de Baños produziu, a maioría com uma extensão de entre 300 a 350

Segundo o historiador de cinema Joan Francesc de Lasa, antes da Guerra Civil espanhola (1936-1939) nunca existiu em Barcelona nada que se parecesse ao Pará Films Jornal. Ramon de Baños terá sido, pois, o primeiro catalão que dirigiu um noticiário cinematográfico, só que fora de Espanha, na Amazónia brasileira,[25] criando assim um espaço próprio onde as imagens ganhavam o espaço do imaginário na difusão do cinema como forma de linguagem universal.

Ramon de Baños contraiu a malária durante a filmagem do documentário Recolecção da Borracha no Estado de Pará, que realizou para o Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio. Na opinião dos médicos, contraíra uma variante do paludismo que a quinina, junto com outros remédios, não estava a conseguir curar. Aconselhado por especialistas e pelos amigos, mas também por desejo de rever a noiva, que viria a ser a sua futura esposa, Rosita Argentó, Baños optou por regressar a Barcelona, tendo embarcado para Lisboa no dia 11 de dezembro de 1913 com uma experiência pessoal e professional extraordinária, mas também com um importante capital. Já em Barcelona, trabalhou como operador de câmara da firma Argos Films, tendo posteriormente fundado, em 1916, junto com o irmão Ricard, a empresa cinematográfica *Royal Films*.

Ramon de Baños é o único pioneiro do cinema mudo espanhol que escreveu parte das suas memórias, tendo concluído a primeira parte da sua biografia em 1970 sob o título *Notas íntimas de un "cameraman español"*, texto publicado em catalão com o título de Memòries de Ramon de Baños: Un Pioner del Cinema Català a l'Amazònia (1991). O manuscrito original e parte das anotações, cartas, fotografias e contratos que Ramon de Baños enviou de Belém podem ser consultados digitalizados na biblioteca da Filmoteca de Catalunya, em Barcelona. Dos mais de 30 filmes que rodou no Brasil, não temos constância de que exista nenhum, resta apenas o registo de algumas imagens fotográficas e a informação que sobreviveu por estar impressa, a par das magníficas memórias do próprio Ramon de Baños. Imagens que não perduraram mas que serviram para criar um novo imaginário a partir do cinema realizado na Amazónia brasileira.

---

metros e, aproximadamente, 15 minutos de duração, que incluíam sempre breves anúncios comerciais, de indústrias e casas comerciais de Belém, para sufragar o custo da produção e obter mais lucros.

25 À excepção da primeira e fracassada experiência realizada em 1918 pela produtora catalã Studio Films. Parece que não há, portanto, qualquer dúvida relativamente ao facto de Baños ter sido pioneiro na direcção de um noticiário cinematográfico, embora seja também importante esclarecer que Lasa comete um erro ao afirmar no seu livro sobre os irmãos Baños, que: "Ramon de Baños foi pioneiro no Brasil na criação de um noticiário cinematográfico" (*Ibidem*, p. 325). Se bem que as informações que nos são facultadas por alguns estudiosos do cinema mudo brasileiro sobre os noticiários cinematográficos, produzidos no país até 1914, sejam, por vezes, confusas ou contraditórias, em parte devido a terem sido destruídos e alguns ainda não terem sido localizados, ao que parece o mérito de serem os pioneiros de esses noticiários no Brasil corresponde aos irmãos Alberto e Paulino Botelho, responsáveis por dirigir *O Bijou Jornal*, a pedido de Francisco Serrador produtor e proprietário de cinemas em São Paulo e no Rio de Janeiro, cujo primeiro número foi exibido em São Paulo, no mês de setembro de 1910, no Bijou-Théâtre (RAMOS, Fernão & MIRANDA, Luiz Felipe. *Enciclopédia do Cinema Brasileiro.* São Paulo: Editora Senac, 2000, p. 133-134).

Bibliografia

BAÑOS, Ramon. *Un Pioner del Cinema Català a l'Amazònia*. Barcelona: Íxia Llibres, 1991.

_____. *Notas íntimas de un "cameraman español"* [manuscrito original de su autobiografía]. Barcelona, 1970 (Biblioteca Filmoteca de Catalunya).

GONZÁLEZ LÓPEZ, Palmira. "Ramon de Baños en Belém do Pará (1911-1913)". *D' Art* (Revista del Departament d'Historia de l'Art), Barcelona, nº 12, 1986, p. 211-222.

LASA, Joan Francesc de. *Els Germans Baños: aquell primer cinema català*. Barcelona: Generalita de Catalunya, 1996.

PETIT, P. & RUIZ-PEINADO, J. L. "O imaginário em imágens: Ramon de Baños, pioneiro do cinema mudo na Amazónia". In: *Atlãntico imaginado: fronteiras, migrações e encontros*. Madri: Ministerio de Trabajo e Inmigración, 2010.

PORTER I MOIX, Miquel. "Pròleg". In: BAÑOS, Ramon, *Un Pioner del Cinema Català a l'Amazònia*. Barcelona. Íxia Llibres, 1991, p. 5-11.

_____. "Pròleg". In: LASA, Joan Francesc de. *Els Germans Baños: aquell primer cinema català*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1996, p. 11-15.

RAMOS, Fernão & MIRANDA, Luiz Felipe. *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

ROCHA, Adriano Medeiros da. *Cinejornalismo Brasileiro: uma visão pelas lentes da Carriço Film*. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – UFF, Rio de Janeiro, 2007.

SALLES, Vicente. *Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro e Época*. Belém: EDUFPA, 1994.

SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente Antonio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

_____. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Taku, 2002.

SOUZA, José Inácio de Melo. "Trabalhando com cinejornais: Relato de uma experiência". *História: Questões & Debates*, Curitiba, nº 38, 2003, p. 43-62.

UGARTE, Auxiliomar Silva. "Margens míticas: A Amazônia no imaginário europeo do século XVI". In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio (orgs.). *Os senhores dos rios: Amazônia, margens e história*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.